

A EXPERIÊNCIA COMO PRÁTICA FORMATIVA DE ESTUDANTES ATRAVÉS DA EXTENSÃO UNIVERSITÁRIA

**ANA LUIZA SALGADO CUNHA ¹, MARISA BARLETTO ², GLAUBER
BARROS ALVES COSTA ³.**

1 Professora da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia, UESB câmpus Vitória da Conquista. Doutora em Educação pela Universidade Federal de São Carlos; Pedagoga e Mestra em Educação pelo Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal de Viçosa. aninhaluizasalgado@gmail.com.

2 Professora adjunta aposentada do Departamento de Educação da Universidade Federal de Viçosa. Psicólogo pela Universidade Gama Filho; Doutora e Mestra em Educação pela Universidade Federal Fluminense. aninhaluizasalgado@gmail.com.

3 Professor assistente da Universidade do Estado da Bahia (UNEB), Campus VI; orientador do programa de Mestrado em Ensino da UNEB campus VI. Doutor em Educação pela Universidade Federal de São Carlos; Mestre em Educação pela Universidade Federal de Sergipe; Licenciado em Geografia pela Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia e licenciado em Pedagogia pela Claretiano. aninhaluizasalgado@gmail.com.

RESUMO

Este trabalho teve como tema a experiência enquanto prática formativa de estudantes envolvidos em atividades de Extensão Universitária. O principal objetivo foi qualificar a dimensão da experiência construída por estudantes universitários, compreendendo como estas incidem em suas trajetórias e como as tratam na sua formação acadêmica. Apresenta-se os resultados de um dos quatro grupos focais realizados e a metodologia utilizada enquanto instrumento de produção de informações sobre as experiências extensionistas, com destaque aos discursos construídos coletivamente pelos estudantes. Os resultados permitiram-nos qualificar as experiências dos universitários na perspectiva da historicidade das práticas de Extensão, compreendendo a existência de outras formas de tecer conhecimentos, nos quais a Extensão Universitária aparece como uma das possibilidades de abertura de espaços para o que anunciam os novos paradigmas.

Palavras-chave: Experiência; Extensão Universitária; Formação Universitária.

THE EXPERIENCE AND PRACTICAL TRAINING OF STUDENTS IN UNIVERSITY EXTENSION

ABSTRACT

This work had as its theme the experience while training practice of students involved in activities of University Extension. The main objective was to qualify the dimension of experience built by college students, understanding how these affect their trajectories and how they treat them in their academic. We present the results of one of the four focus groups conducted and the methodology used as a tool for generating information about the experiences extension, highlighting the discourses constructed collectively by students. The results allowed us to classify the experiences of students in view of the historicity of extension practices, including the existence of other forms of weaving knowledge, in which the University Extension appears as one of the possibilities of opening spaces for announcing the new paradigms.

Keywords: Experience; University Extension; University Education.

1 INTRODUÇÃO

Este estudo refere-se a uma pesquisa de mestrado que teve como tema a experiência enquanto prática formativa de estudantes de graduação envolvidos em atividades de Extensão Universitária. Entendendo que as experiências formativas são constituintes do sujeito e considerando a universidade enquanto espaço de produção de uma pluralidade de saberes/práticas, destacamos a experiência como eixo fundamental, compreendendo-a enquanto prática formativa, reflexão articuladora de sentidos e significados do vivido, como *lócus* de tessitura de conhecimentos.

Considerando que a Extensão Universitária constituiu-se, historicamente, por meio de tensionamentos políticos e sociais, culminando em diferentes práticas de interação entre comunidade/universidade, o objetivo da pesquisa foi compreender como as práticas formativas constituídas pelas experiências de estudantes extensionistas incidem em sua formação, considerando as diferentes concepções de Extensão que permeiam o espaço universitário.

São poucos os trabalhos que investigam as ações de Extensão Universitária no cotidiano, bem como seu desenvolvimento e perfil. A maioria enfoca a construção histórica da Extensão abrangendo seus aspectos legais e sua inserção na universidade como terceira função, sendo que pouco se pesquisou sobre sua influência no processo da formação discente, constituindo aí uma lacuna quanto aos estudos referentes à temática. No Plano Nacional de Extensão de 1999, pouco se fala do papel dos estudantes em atividades de Extensão Universitária, em nenhum momento trata desta enquanto processo de formação desses alunos (CASTRO, 2004)

De acordo com Silva (2003), a universidade, enquanto instituição social, acompanhou o processo de complexificação da sociedade contemporânea, tensionada por diferentes interesses, o que a tornou múltipla e plural, com funções definidas de acordo com as relações que se estabeleceram com a sociedade política e a sociedade civil. Diferentes autores apontam que foram diversas as concepções e práticas de interação universidade/comunidade ao longo da trajetória histórica da universidade (SILVA, 2003; SOUSA, 2010; SANTOS, 2010). Práticas extensionistas diversas consolidaram as diferentes modalidades de extensão, produzindo um cenário contemporâneo em que coexistem várias perspectivas políticas, teóricas e metodológicas no modo de fazer extensão na universidade. Modalidades de Extensão Universitária referem-se às classificações gerais de tipos de práticas de extensão universitárias: prestação de serviços, ensino, prática de difusão cultural e uma quarta classificação, sem denominação, que assumimos nesse trabalho como ‘outras’, conforme Silva (2003).

Entendendo a experiência discente na Extensão Universitária enquanto processo de formação acadêmica, voltamo-nos aos diferentes impactos das experiências extensionistas na trajetória do estudante, compreendendo perspectivas históricas/políticas que permeiam as práticas extensionistas.

2 A EXPERIÊNCIA COMO PRODUÇÃO DE SABERES

Considerando o espaço universitário como lugar de produção de múltiplos saberes, passível de produção de conhecimentos legitimados por uma visão hegemônica com a possibilidade de produção de outros saberes e práticas, entendemos a experiência como categoria central, buscando compreender o conhecimento produzido pela experiência e esta na construção de conhecimentos e na formação de estudantes.

Destacamos as discussões sobre experiência, oriundas das ideias de Jorge Larrosa (2002), que, numa perspectiva fenomenológica, ressalta que o pensar sobre a educação pela práxis é pensá-la partindo das experiências e dos sentidos. Assim, explica que a expressão “experiência” vem do latim *experiri*, que significa experimentar o que está fora de nós e que nos toca. Ao tratar sobre a experiência, Larrosa (2002) propõe refletir, numa perspectiva crítica e política, que leve os sujeitos à reflexão pela práxis,

pensando numa educação a partir da experiência e dos sentidos. Refere-se ao saber da experiência enquanto um saber que trata daquilo que foi vivenciado e que, de alguma forma, alterou a constituição humana.

Na perspectiva de Scott (1999), constatamos um senso de existência e de participação, no qual tornar a experiência aparente é o primeiro passo para o rompimento com o silêncio, abrindo novas possibilidades e relações entre atividades pessoais, profissionais e políticas. Essa perspectiva traz a ideia de experiência como evento linguístico, individual e compartilhado, pois experiência é reflexão, na qual são articulados significados e sentidos do vivido, que se tornam objetos de pensamento, colocando o próprio sujeito como lugar de conhecimento. O conhecimento da experiência é um aprofundamento dos significados e dos sentidos da subjetividade.

Scott (1999) critica a utilização da experiência como categoria descritiva, ou seja, quando a experiência é apropriada como evidência. Essa noção implica numa análise em que as diferenças tecidas pelos sujeitos como experiência são colocadas de lado, impedindo a compreensão sobre como se constituiu e como incidiu sobre os sujeitos. Se apenas for enfatizada a importância da experiência, limitando-se a torná-la visível, ressaltando as diferentes experiências – seja no âmbito de classe, de gênero, de raça ou sócio geográfico - são poucas as possibilidades de se chegar a uma análise crítica sobre suas determinações e historicidade. Com isso, fica clara a existência das diferentes experiências, mas não compreendemos como a experiência é constituída relacionalmente.

Agregar valor à experiência dos sujeitos enquanto produtora de conhecimento permite olhar uma imensidão de práticas alternativas capazes de desmontar visões hegemônicas de mundo. Tratamos dos processos históricos que discursivamente posicionam sujeitos e produzem experiências, cabendo ressaltar que não são as experiências características dos indivíduos e sim, são os sujeitos constituídos na experiência (SCOTT, 1999).

O que conta como experiência subjetiva não é evidência imutável, ao contrário, é sempre política e passível de contestação diante da análise da produção do conhecimento. Ao tratar de questões como poder e discurso, Scott (1999) aproxima-nos da experiência como objeto de investigação e não como evidência, o que nos leva a problematizar as diferentes práticas de Extensão Universitária como formativas:

projetos de Extensão que assumem como função a aplicação do conhecimento científico ou a construção social emancipatória podem ser indagados em sua historicidade institucional; mas, ao trazermos a experiência formativa de estudantes extensionistas, enquanto campo de conhecimento, produzimos novas dobras de análise sobre as práticas de Extensão, entendendo-a também enquanto possibilidade de tecer conhecimentos outros, através dos quais, por meio da experiência, incidem na formação do estudante universitário.

Em Larrosa (2002), tem-se que a experiência é concebida como saber concreto e autoconhecimento, ou seja, como uma reflexão sobre si mesmo e sobre o seu estar no mundo. Sob essa ótica, vemos a Extensão Universitária como experiência significativa de formação, na qual, através do vivido, são tecidas relações entre sujeitos e espaços, passíveis de dimensões racionais, emotivas, subjetivas e conscientes.

Em face de tais considerações, tratamos a experiência do sujeito como categoria, a fim de situá-la nos processos históricos que esta perpassa, tomando como objeto de estudo a experiência na formação do estudante, através de atividades de Extensão Universitária e como esta se processa em sua formação; é a experiência de estudantes enquanto a maneira que estes, através da Extensão Universitária, compreendem a universidade, seus ideais, suas funções e suas práticas reais. Trataremos do discurso dos estudantes partindo da premissa de que são sujeitos da experiência, problematizando-a, enquanto processo de formação universitária e enquanto sujeitos constituídos pela experiência.

3 O GRUPO FOCAL COMO ESTRATÉGIA DE PESQUISA

O Grupo Focal é uma estratégia de pesquisa que privilegia a formação de uma rede de interações que oferece oportunidade de trocas e *insights* num processo comunicativo flexível entre os participantes (GATTI, 2005). Para analisar o modo como os estudantes tratam as experiências em Extensão na sua formação acadêmica, utilizamos a técnica de Grupo Focal que, segundo Gomes (2005), permite uma (re)construção de conhecimentos no qual a experiência é o centro. Segundo Gatti (2005), o grupo focal pode favorecer a troca entre os universitários e suas diferentes

experiências extensionistas, estimulando a emergência de discussões coletivas moldadas em vivências variadas, trazendo um conjunto de informações diversas.

A realização do grupo focal exigiu, de acordo com Gomes (2005), três passos complementares: a constituição do grupo focal; a operacionalização do encontro; e a organização e análise dos dados. Para a constituição do grupo, foram selecionados participantes em torno de um tema comum: experiência em Extensão Universitária. Os participantes estiveram envolvidos em modalidades de Extensão de acordo com a definição de Silva (2003): Prestação de Serviços; Prática de Difusão Cultural; Ensino; e Outras. Prestação de Serviços entendida como práticas em forma de cursos e ações comunitárias, bem como em consultorias, assistência profissional e técnica, direcionadas à comunidade, como campanha de doativos, orientação sanitária, organização de cooperativas e associações, etc.. Prática de Difusão Cultural, em forma de exposições, espetáculos, exhibições, etc.. Ensino sob forma de programas de educação continuada, cursos, palestras, oficinas e estágios curriculares. Outras são as atividades extensionistas realizadas em parceria com outros segmentos da sociedade civil destinadas a atender demandas da comunidade ou realimentar o ensino e a pesquisa, comumente realizadas de forma interdisciplinar, muitas vezes, em áreas ainda não experienciadas, ou não consolidadas institucionalmente.

Com a definição de quatro modalidades de Extensão Universitária, quatro grupos focais foram compostos, cada um referente a uma destas. Optou-se pela composição de grupos de modalidades homogêneas, baseando na necessidade de promover um clima de segurança e cordialidade, alimentando diferentes debates em cada grupo organizado. Segundo Barbour (2009), a homogeneidade dos grupos deve estar pautada no contexto de vida dos participantes.

A escolha dos estudantes deu-se numa análise do último Catálogo de Extensão da UFV, publicação da Pró-Reitoria de Extensão, que apresenta anualmente os programas e projetos de extensão desenvolvidos, informando seus objetivos, procedimentos, resultados e equipe. A partir dessa classificação dos programas e projetos nas modalidades citadas, os estudantes foram convidados a participar do grupo focal. Foram selecionados 12 participantes por grupo, totalizando 48 estudantes.

Quando todos os estudantes estavam presentes, ainda sem ligar os instrumentos de gravação, a equipe de trabalho foi apresentada, bem como os objetivos da pesquisa e

o procedimento do processo de “seleção” e o convite. Em seguida, foi apresentado o Termo de Esclarecimento e Livre Consentimento, que foi lido, explicado e assinado pelos participantes. Estes eram convidados a se apresentarem livremente para o grupo e, feitas as apresentações, um pequeno texto-base sobre a extensão era lido pela mediadora, com o objetivo de incitar os debates. Após a leitura, os participantes eram convidados a levantarem uma das sete tarjetas dispostas na mesa, nas quais havia questões a respeito do tema em discussão. As questões levantadas foram construídas de acordo com os objetivos da pesquisa e tiveram como função principal incitar os debates, direcionando-os ao tema da experiência em Extensão Universitária.

O grupo focal da modalidade “Outras” durou 1 hora e 56 minutos e teve como participantes estudantes dos cursos de Geografia; Pedagogia; Matemática; Economia Doméstica; Engenharia Ambiental; Direito; e Enfermagem. Os projetos aos quais estavam vinculados foram: a) Como contos de um Rosário – memória e transmissão de saberes do congado; b) Feliz Idade e o desafio da longevidade: promovendo o envelhecimento saudável e prevendo agravos à saúde no programa municipal da terceira idade; c) Capoeira alternativa, valorizando a sabedoria popular; d) Estágio Interdisciplinar de Vivência; e) Cursinho Popular; f) Amanhecer da esperança: atendimento pedagógico em uma instituição de acolhimento a crianças e adolescentes; g) Ludoteca/UFV; h) A construção participativa de conhecimentos como etapa inicial de processo de incubação (ITCP/UFV); i) Abordagens participativas em atividades de educação permanente para profissionais de saúde para família.

Trabalhar com o grupo focal como estratégia de pesquisa permitiu-nos estarmos atentos à reflexão dos sujeitos através da fala em debate, que nos permite estar em contato com conceitos, impressões e concepções destes participantes sobre determinado tema, sem prender-se somente a consensos, mas na mesma proporção aos dissensos (MOREIRA NETO, 2002). Através dos encontros entre os estudantes, pudemos refletir sobre a construção de outras possibilidades de experiência no contexto de formação de estudantes universitários engajados em atividades extensionistas. Foi possível também delimitar a questão da experiência no contexto de formação, bem como partilhar a experiência vivida e as diferentes etapas de sua ressignificação.

No percurso do grupo focal, ao narrar sua própria história de inserção e atuação na Extensão Universitária, os estudantes iniciaram movimentos de dar mais sentidos às

suas experiências construídas, ressignificando-as. Assim, o grupo se processou como mais uma experiência de extensão, no sentido dado por Scott (1999) como um evento linguístico, tanto individual, quanto compartilhado, parte da história do sujeito. Sendo a experiência um fenômeno discursivo, é nela que nos fundamentamos nesta metodologia e no processo de troca e construção em grupo.

4 A ANÁLISE DE CONTEÚDO COMO PROCEDIMENTO ANALÍTICO

Conforme orientações de Bardin (1977), após a transcrição das falas das entrevistas realizadas, coube a nós a leitura, a sistematização das primeiras unidades de mensagem e a elaboração de um plano de análise que fundamentou indicadores de interpretação. Assim, teve início a primeira fase de análise que consistiu na leitura flutuante, que permitiu maior imersão nos debates construídos em grupo e tornou nossa leitura mais precisa, orientando na identificação dos temas tratados a partir dos grupos, permitindo identificar os significados e os sentidos mais intensos levantados pelos grupos, o que indicou quais as possíveis categorias de análise.

Após a primeira imersão, procedemos à pré-análise do material, organizando o conjunto de enunciados produzidos pelos participantes de maneira literal, para que fossem analisados de modo mais sistemático, permitindo abstrair os assuntos centrais que percorreram os discursos dos participantes em todos os grupos/modalidades (BARDIN, 1977).

Identificados os assuntos, passou-se ao terceiro momento, ocasião em que foram feitas várias leituras das entrevistas de cada grupo, bem como a escuta constante das gravações e o contato com o material da relatoria, procurando identificar elementos comuns e diferentes à vivência de todos os grupos. Assim, dentre as várias possibilidades técnicas da análise de conteúdo, optamos como perspectiva a análise temática, enfatizando temas presentes, com maior ou menor intensidade e o aspecto pessoal atribuído pelo participante, entendendo que o tema poderia nos fornecer mais elementos para análise (BARDIN, 1977). Dessa, surgiram as categorias de análise que foram guias para facilitar a compreensão dos dados coletados. Assim, as categorias levantadas foram: Identidade e pertencimento; Concepção de Extensão Universitária;

Produção e hierarquia de saberes; Relação ensino/pesquisa/extensão; Papel do professor.

Categorias definidas, partimos para um quarto momento de análise na qual criamos as unidades de registro, identificando as falas dos participantes a partir dos temas citados. Dessa forma, produzimos as unidades de contexto, que compreendem o significado do assunto e sua argumentação, e as unidades de sentido, que compreendem o sentido assumido em cada texto através das relações que estabelece com as unidades de contexto.

Passamos em seguida para a construção das primeiras inferências, ancorados nas categorias e nas unidades de contexto e de sentido anteriormente construídas. Segundo Bardin (1977), a produção de inferências sobre os conhecimentos relativos às condições de produção da mensagem analisada é a intenção maior da Análise de Conteúdo. Inferências são “saltos de sentido”, deduções lógicas sobre o material e realizadas com base em aportes teóricos e no conhecimento prévio de quem analisa. É pelas inferências que procuramos cumprir o objetivo da Análise de Conteúdos, o de compreender os sentidos e significados das construções em debate realizadas pelos estudantes universitários em cada grupo.

5 ANÁLISES E DISCUSSÕES

a) Identidade e pertencimento:

O primeiro momento do grupo constou da apresentação individual dos participantes que, ao invés de se aterem apenas à apresentação individual, procuravam demarcar seus lugares de origem nos grupos de extensão dos quais participaram. Assim, diante da solicitação de apresentação, a resposta desses estudantes foi de afirmação da identidade de pertencimento, evidenciando a qual projeto social e a qual concepção de extensão cada um deles estava vinculado. Ao se apresentarem, os estudantes demarcam quem são sobre o que falam e do lugar de onde falam. Assumem a identidade dos grupos de Extensão Universitária nos quais estão envolvidos, entendendo que a participação de cada estudante no encontro tem como raiz o lugar do qual faz parte

enquanto extensionista e dos diferentes projetos de Extensão Universitária que se veem em diálogo num mesmo espaço, representados pelos estudantes que neles atuam.

A ênfase é resultado do próprio processo formativo do grupo de extensão enquanto espaço pedagógico, no qual é valorizado e estimulado o desenvolvimento da atitude de posicionamento ético e político de compromisso, dados os objetivos e o tipo de público dessa modalidade de extensão, ou seja, essa narrativa marca a identidade do estudante envolvido com projetos de Extensão com as características definidas aqui como “Outras”. Característica marcante, o grupo usa um referencial coletivo, ao invés do referencial individual – usa-se o pronome “nós” ao invés do “eu” - referindo-se a busca da horizontalidade, do diálogo e da solidariedade nas práticas extensionistas junto aos sujeitos-alvos dos projetos desenvolvidos.

Ao criar uma dimensão coletiva do trabalho de Extensão, os estudantes constroem uma identidade de grupo que pode ser ilustrada pela participação no Projeto Rondon: a identificação com a expressão do que venha a ser “rondonista” é a expressão de um sentimento de pertencimento e identidade. Assim, a categoria pertencimento remete ao comprometimento dos estudantes com os projetos nos quais estão envolvidos, tecendo suas experiências a partir dessa primeira vinculação elaborada entre estudante e projeto, incluindo concepções e práticas que tal relação permeia. As marcas singulares das trajetórias de cada estudante aparecem na forma como descrevem suas atividades de Extensão Universitária e o como as caracteriza como atividades extensionistas.

Entende-se que essa dimensão de pertencimento e identidade grupal se dá no processo de realização das atividades de extensão e não anteriormente, já que o modo como esses estudantes relatam sobre a entrada nos trabalhos de extensão tiveram fortes determinações externas ao projeto, como oportunidade de bolsa ou de indicação de amigos e/ou professores e não pelo projeto em si. Inerente ao pertencimento e, ou, a identidade do grupo, há uma forte implicação afetiva dos estudantes ao grupo/atividade de extensão ao qual estão vinculados.

Ainda nessa linha, o destaque dos estudantes foi muito forte quanto ao que podemos chamar de campo subjetivo. Longe de qualquer perspectiva psicologizante ou individualista, o campo subjetivo remete à formação de atitudes e competências amadurecidas frente às interações sociais ancoradas ao desempenho profissional. É na prática da extensão que essa formação teria seu campo mais fértil, no qual a educação

encontra sua concepção mais profunda, quando comprometida com a construção de uma sociedade mais justa e solidária. Os estudantes desse grupo ressaltaram a relevância do trabalho prático da Extensão Universitária como espaço de construção de experiências pessoais e profissionais diversificadas, impactando de diferentes maneiras a trajetória acadêmica. As vivências do cotidiano nos espaços de atuação dos projetos desse grupo foram narradas como um sentimento de valorização do próprio estudante e de seus pertencimentos institucionais, principalmente dos grupos aos quais os projetos estão vinculados.

b) Concepção de extensão:

Com concepções, propostas e atividades diversas, múltiplos são os sujeitos da Extensão Universitária, variando de acordo com os objetivos de cada programa e/ou projeto de Extensão. Os sujeitos-alvo são comunidades e/ou grupos populares (movimentos sociais, sujeitos em situação de vulnerabilidade social, estudantes de diversos níveis escolares, comunidades determinadas, dentre outros). Por sua vez, apesar dos projetos proporem um trabalho de perspectiva dialógica e coletiva, nem sempre a atividade extensionista as realiza. Diversos participantes desenvolveram narrativas nas quais percebemos concepções de ações de transmissão verticalizada de conhecimentos, numa ideia de aplicação do conhecimento universitário em outros espaços, aproximando-se da concepção extensionista assistencial e imediatista, historicamente construídas nas raízes da universidade brasileira.

Ao tratarmos do entendimento dos estudantes sobre a concepção de Extensão Universitária, percebemos como a construção de um discurso coletivo é guiada pela participação efetiva dos componentes durante a realização do grupo focal. No início, a explicação sobre extensão universitária dada pelos estudantes foi a da concepção hegemônica e funcionalista referente às propostas historicamente desenvolvidas como práticas de extensão assistenciais. Os estudantes entendem bem a diferença entre uma proposta verticalizada e funcionalista, de ‘aplicação’ do conhecimento, e uma proposta de construção: entretanto, as primeiras manifestações se aproximavam muito mais à extensão dessas práticas verticais do que as construções mais horizontais e emancipatórias.

No decorrer dos debates, a concepção do trabalho extensionista foi se modificando no sentido da valorização dos sujeitos e espaços numa perspectiva emancipatória, realizada pelo trabalho coletivo e relações dialógicas e pela possibilidade de inserção na comunidade local visando a transformação social e a ressignificação de saberes. Os discursos ficaram tensionados entre dois pólos: a perspectiva de uma Extensão Universitária como possibilidade de levar conhecimento construído na universidade para comunidade, numa perspectiva de transmissão hierarquicamente verticalizada de conhecimento; e outra concepção de Extensão Universitária como possibilidade de inserção de estudantes no cotidiano das comunidades locais visando um trabalho efetivo de troca e atividade coletiva construída no diálogo entre os sujeitos.

Esse tensionamento reflete forte determinação da concepção assistencialista, funcionalista e pragmática da Universidade como lugar do saber legítimo a ser levado para os setores considerados por essa perspectiva como sendo ‘desprivilegiados’ da sociedade. Sua presença, num primeiro plano nas narrativas, evidencia essa força histórica. Entretanto, o debate e a insistência do grupo no tema também refletem a imersão desses estudantes da modalidade ‘Outras’ nos grandes temas de discussão da Extensão na universidade pública atual, presentes na própria Política Nacional de Extensão Universitária brasileira. Refletir sobre a relação universidade/sociedade e a produção do conhecimento é tema basilar das atividades dos grupos extensionistas da modalidade ‘Outras’, que se propõem a pensar politicamente essa relação universidade/sociedade, no sentido de empoderar os sujeitos das classes populares e valorizar outras formas de conhecimento que não o científico.

O grupo desenvolveu um debate intenso, sendo sua finalização quase que uma imposição da coordenadora. Esse grupo focal foi avaliado pelos seus participantes como um espaço importante para pensar a própria prática extensionista que eles vêm desenvolvendo. Esse é um indicativo importante da compreensão desses estudantes de que refletir sobre a prática extensionista é uma dimensão formativa, uma tarefa a ser realizada enquanto estudantes, tarefa que se impõe como necessidade subjetiva, ou seja, como construção da experiência.

c) Produção e hierarquia de saberes:

Na narrativa do grupo, a relação entre as práticas acadêmicas e saberes são dicotomicamente qualificadas e separadas entre si no espaço universitário, sendo que, em alguns momentos, foram estabelecidas algumas relações entre essas dicotomias; a pesquisa apareceu como possibilidade a ser gerada a partir das atividades de extensão, como sinônimo de produção de artigos científicos a apresentação de trabalhos. Tais produtos, entendidos como sendo próprios da pesquisa, valorizam o conhecimento produzido na extensão.

Ainda, destacam a prática extensionista como vantagem, como possibilidade de inserção do estudante na realidade e assim permitir construções acadêmicas que possam dar espaço a outros saberes, para além dos saberes hegemônicos, cristalizados, que não dão conta de demandas e questões cotidianas. Há clareza de que os saberes e os conhecimentos são formas de poder e que há profundas lacunas no saber legitimado pela universidade, já que este, às vezes, é produzido de maneira encastelada e distante do cotidiano das comunidades.

Quanto ao destaque concernente às diferentes possibilidades de saberes, o grupo destacou o diálogo como melhor maneira para que a ação extensionista ocorra em prol dos sujeitos aos que se destinam os projetos e os programas de extensão, possibilitando a relação entre saberes acadêmico e da comunidade. O diálogo foi assumido como uma estratégia de horizontalizar saberes desiguais, hierarquizados, que colocam os sujeitos que os veiculam também em relações desiguais de poder. O diálogo seria a forma de democratizar as interações entre esses sujeitos, já que são necessárias para que os projetos de ação da universidade e da comunidade possam se tornar um projeto em comum.

Atuações que se dão a partir da necessidade dos sujeitos locais, bem como a construção de outras propostas e projetos com base nas demandas e nas trocas com as comunidades são marca constante nas discussões deste grupo, entendendo o diálogo como essencial na medida em que dá ao outro lugar de destaque, não mais em posição de aprendiz, mas de participação ativa nas práticas extensionistas.

d) Relação ensino/pesquisa/extensão:

O grupo enfatizou a indissociabilidade ensino-pesquisa-extensão, entendendo que, na Extensão Universitária, a articulação acontece nas ações e reflexões por ela permitidas, afinando universidade e comunidade numa perspectiva de trabalho coletivo; entende a Extensão Universitária como oportunidade de agregar saberes e outras possibilidades formativas no espaço acadêmico. Entretanto, ao manterem a dicotomia teoria e prática, reiteravam uma compreensão compartimentalizada, fragmentação que insiste que a extensão é o lugar da prática, o ensino é o lugar da teoria e a pesquisa é o lugar da descoberta e conhecimento.

Assim, percebemos que, mesmo que esse grupo de estudantes trate a Extensão Universitária enquanto diálogo de saberes em suas práticas, ainda permanecem concepções que dissociam teoria e prática. Os estudantes não conseguem elaborar uma reflexão consistente que alie a extensão à ciência enquanto ferramenta de pensar o mundo; por sua vez, conseguem refletir sobre a realidade social, pensar sobre o cotidiano e desenvolver um pensamento crítico e analítico através das atividades extensionistas; falam de uma experiência que produz saberes, mas esses ainda não conseguem dialogar com aquilo que é chamado de teoria. Nossa hipótese é que, para esse grupo, a noção de teoria – oposta à prática – é sinônimo de conhecimento científico, realizando uma diferenciação entre saberes e ciência, alocando conhecimentos na extensão, no ensino e na pesquisa.

Quando abordam aspectos da relação teoria-prática na formação de modo binário, essas são separadas e tratadas diferenciadamente; embora destaquem teoria como relevante no processo formativo, ressaltam que o limite teórico não responde às demandas do cotidiano de atuação profissional; acentuam experiência prática como lugar privilegiado de construção de saberes capazes de responder de forma satisfatória aos desafios do cotidiano profissional. A fala constante sobre as experiências práticas leva a compreensão do seu lugar na formação acadêmica, na qual as vivências foram essenciais e, somente pela prática, é que se consegue falar da teoria.

A Extensão Universitária é um dos espaços que pode permitir a realização de atividades interdisciplinares, trocas entre áreas distintas do conhecimento, superando a fragmentação do saber. O princípio da indissociabilidade propõe uma relação direta entre as três atividades, considerando que, ao estarem aliadas, podem possibilitar a democratização do saber e da produção do conhecimento, capaz de operacionalizar a

relação entre teoria e prática, estabelecendo uma relação transformadora entre a universidade e os demais setores da sociedade. Um dos pontos fortes quanto à efetivação do princípio de indissociabilidade ensino-pesquisa-extensão foi o reconhecimento da importância do não-acadêmico na construção do conhecimento. Articular tais elementos seria, para o grupo, assumir outros projetos de universidade e, consequentemente, de sociedade.

e) O papel do professor:

O professor surgiu nas narrativas como aquele que viabiliza as propostas e as ações extensionistas, assumindo duas formas: a primeira, quando o professor assume o lugar da orientação e do acompanhamento da realização das propostas extensionistas, desempenhando função formativa; a segunda, foi apresentada em relação inversa a essa identidade educativa, que foi o lugar burocrático no qual ele é apenas o apoio institucional para o registro de projetos de Extensão.

A importância da orientação do professor foi bem localizada, sendo definitiva para que as ações se constituam como ações acadêmicas e as atividades de extensão não sejam baseadas no senso comum e no “achismo” dos estudantes. O grupo afirmou a necessidade da participação de mais professores interessados e engajados nas ações e discussões das atividades extensionistas. O sentido da narrativa do grupo esteve na direção de que a dicotomia entre os saberes da prática e os saberes da teoria poderia ser superada pela ação e pelo comprometimento do professor; na medida em que o professor vai assumindo mais as funções burocráticas, ele deixa uma lacuna na formação dos estudantes, já que o trabalho de orientação é que permitiria sair do senso comum para uma teorização das suas próprias ações e reflexões extensionistas.

6 POLISSEMIAS EM POLIFONIAS

Em diversos momentos, o grupo caminhou para o entendimento da Extensão Universitária enquanto possibilidade formativa para os estudantes que nela se inserem, entendendo que a experiência em Extensão Universitária contribui para sua formação crítica frente às questões e aos desafios que surgem através de demandas cotidianas. As

experiências do grupo sobre as atividades extensionistas fizeram referência à descoberta, à motivação, ao desejo, à emoção, ao envolvimento de sujeitos e às relações diferenciadas, dando ênfase e legitimidade ao que é plural, ressaltando a extensão como espaço de ressignificação teórica e formativa (LARROSA, 2002)

Ao agregar valor à experiência, os estudantes a colocam como campo de produção de outros tipos de conhecimentos, o que permite questionar as visões hegemônicas de ciência as quais, como analisa Boaventura Souza Santos, desperdiçam os saberes da experiência ao colocá-la à margem do conhecimento dito verdadeiro. Entretanto, quando os estudantes desse grupo distanciam teoria e prática, mantêm uma postura dicotômica que reflete uma concepção hegemônica de conhecimento.

Compreendemos que, para os estudantes envolvidos em atividades de Extensão Universitária, a experiência constitui-se num processo formativo que impacta de diferentes maneiras na trajetória desses. É através das experiências extensionistas que os estudantes têm a possibilidade de tecer outros saberes, para além do conhecimento universitário encastelado, legitimado na universidade, entendendo as práticas de Extensão como práxis, na qual são tecidas relações experienciais. Segundo os estudantes participantes, a Extensão Universitária é de fundamental importância na formação subjetiva pessoal e do futuro profissional.

A Extensão universitária enquanto prática formativa e projeto social universitário é permeada por tensionamentos históricos e políticos que culminaram numa pluralidade de concepções e práticas extensionistas que hoje coabitam o espaço universitário (SOUSA, 2010). As experiências são coletivas e dialógicas, tecidas pelos sujeitos que se posicionam e produzem diferentes experiências. Num primeiro momento, a concepção hegemônica e funcionalista do grupo foi destaque na fala dos estudantes que enfatizaram as práticas extensionistas assistenciais de ‘aplicação’ e ‘transmissão’ de conhecimentos, numa perspectiva pragmatista de universidade, o que demarca a histórica constituição da Extensão Universitária. Porém, no decorrer do encontro, percebemos o aflorar de outras reflexões que demarcam a singularidade dos projetos de Extensão representados em grupo: a proposta de um pensar político sobre a relação universidade/sociedade numa perspectiva de empoderamento e de emancipação de outros sujeitos e conhecimentos.

Os estudantes deste grupo demonstram entender a Extensão Universitária enquanto agregadora de saberes e possibilidades formativas na universidade; no entanto, ao tratarem do lugar da Extensão no espaço universitário, acabam por reiterar uma compreensão dissociada e compartimentalizada entre ensino, pesquisa e extensão, ao insistirem que a extensão era o lugar da prática, enquanto a pesquisa era o lugar da descoberta e o ensino o lugar da teoria. Porém, mostraram-se inconformados com o lugar relegado da Extensão na vida acadêmica e destacaram a relevância dos conhecimentos não-acadêmicos. O grupo assume o diálogo como instrumento capaz de horizontalizar saberes desiguais e democratizar as interações entre sujeitos.

O grupo enfatiza que estar engajado na Extensão Universitária é ter a possibilidade de uma vivência formativa que o ensino e a pesquisa não proporcionam na mesma medida, entendendo as experiências extensionistas como fundamentais em suas formações subjetivas. Compreendemos que, como dito por Braúna *et al.* (2011), o saber da experiência vem do sentido que damos ao que vivenciamos, articulado a processos de formação; é o que de pertencimento atribuímos ao que nos acontece no campo do vivido. Entendemos que o fundamental ao tratarmos de tessitura de experiências formativas é percebê-las enquanto processos sociais e políticos, passíveis de problematização em sua historicidade institucional e campo diverso de conhecimento.

Para além de uma vertente produtivista, o apelo à prática aparece constantemente numa vertente sócio-política, numa crítica ao isolamento da universidade nela mesma, invisibilizando tudo aquilo que percorre à sua margem, compondo-se de um currículo diversificado e estratificado. Com tons distintos, a prática enquanto produtora de conhecimentos, apresenta orientações políticas no sentido de responsabilização e integração entre universidade e comunidade (SANTOS, 2010).

Dos impactos das experiências extensionistas na trajetória formativa dos estudantes deste grupo, destacamos pontos como motivação, desejo, descoberta, emoção e envolvimento de sujeitos e relações diferenciadas, pelos quais o grupo destaca a Extensão Universitária enquanto espaço de ressignificação e formação. Os estudantes valorizam as vivências cotidianas, destacando as experiências em suas dimensões subjetivas com ênfase na formação acadêmica; há uma forte marca afetiva entre os estudantes e os projetos aos quais se vinculam no momento em que narram coletivamente suas experiências. Segundo os estudantes, colaboradores e colaboradoras

desta pesquisa, a prática permitida pelas experiências extensionistas assumem caráter formativo e formador que abre a possibilidade de compreender a formação universitária sob outras perspectivas.

A Extensão teve destaque literal na palavra “estender”, no sentido de levar e fazer chegar algo a algum lugar, numa perspectiva de transmissão verticalizada de conhecimentos, através da qual a universidade é a detentora do conhecimento dito científico e a comunidade, na posição de aprendiz, aquela que recebe parte dos conhecimentos produzidos no espaço universitário. Noutro caminho, a Extensão Universitária apareceu como possibilidade de abertura ao outro e aos saberes por ele tecidos.

Ao falarem dos sujeitos locais, alvo de suas ações e reflexões extensionistas, os estudantes ressaltaram o reconhecimento de outras formas de saber e conhecer, entendendo que, muito além de um conhecimento científico hegemônico, existem outras tantas possibilidades de tessitura de conhecimentos organizados na/e pela práxis que, por não serem legitimadas academicamente, não alcançam o *status* científico do conhecimento. No momento em que os estudantes agregaram, coletivamente, valor às experiências tecidas na Extensão Universitária, destacam seu olhar para outras tantas alternativas de práticas e valores que são capazes de superar visões hegemônicas sobre o conhecimento.

Como já dissemos, historicamente, foram construídas diferentes concepções e práticas de Extensão Universitária diretamente associadas às diferentes representações da universidade ao longo de sua história (SOUSA, 2010). Tais diferenças constituem-se em importantes pontos de discussão que levam a compreensão da pluralidade que é a Extensão Universitária na contemporaneidade, multiplicidade essa que coabita hoje o espaço universitário. Diante deste contexto plural, entendemos que tais diferenças são sociais e políticas e impactam na tessitura de diferentes experiências formativas dos estudantes universitários.

Ao longo deste trabalho, destacamos a experiência em Extensão Universitária como espaço formativo para os estudantes nela envolvidos, mais além, destacamos agora o grupo focal enquanto experiência formativa tanto para os estudantes que dele fizeram parte, quanto para mim, enquanto estudante, pesquisadora e extensionista. O que nos leva a destacar que a necessidade da elaboração de novos espaços de discussão

sobre a Extensão Universitária encontra-se na fala dos próprios estudantes, indicadas ao longo dos encontros, ressaltando a possibilidade de reflexão coletiva como caminho para consolidação e legitimação de concepções e práticas de Extensão Universitária emergentes no espaço acadêmico.

No decorrer desta pesquisa caminhamos corroborando a perspectiva do grupo focal enquanto espaço formativo, destacando sua possibilidade, enquanto construção coletiva de conhecimentos, de experienciar aspectos formativos e permitir, em seu próprio espaço, a experiência da indissociabilidade. Propiciar a exposição ampla de ideias e perspectivas dos participantes do grupo focal nos permitiu, num mesmo espaço/tempo, o diálogo e a reflexão, na medida em que todos puderam ouvir e ser ouvidos e, juntos, construir outras possibilidades de pensamento e ação. A interação entre os sujeitos tornou-se nosso espaço formativo base para as discussões sobre a Extensão Universitária, alicerçada nas concepções e nos comportamentos dos próprios estudantes extensionistas.

Ao longo do encontro, foi clara a possibilidade de troca entre os participantes, bem como de mudanças de concepções e posturas diante dos temas trabalhados. Sustentados por suas vivências e pelas construções de experiências diversas, os estudantes entraram no grupo com concepções e propostas pré-definidas de acordo com os grupos de Extensão Universitária dos quais fazem parte, mas, ao longo do encontro, emergiram outras possibilidades de pensamento consolidadas pelas negociações e pelas trocas entre os estudantes. Mesmo que surgissem diferentes pontos de vista, as ideias e opiniões foram compartilhadas tendo o diálogo como base de todo o encontro permitindo que as interações fluíssem de forma cooperativa apesar dos pontos divergentes, que foram importantes por manterem o debate aceso ao longo de todo o processo.

7 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Sustentados em estudos sobre a noção de experiência enquanto categoria epistemológica e na perspectiva de que há saberes/fazer que reinventam o instituído, provocando outras possibilidades, propusemos tratar a experiência em Extensão Universitária como possibilidade formativa para os estudantes nela inseridos,

entendendo tais atividades como processos educativos que oportunizam outras perspectivas formativas.

A universidade pública tem passado por mudanças profundas no que tange à sua posição e seu sentido social. Há tempos, os três principais fins da universidade passaram a ser: a pesquisa, a diplomação em ensino superior e a prestação de serviços. Uma disparidade de funções trouxe consigo o problema da possível (in)compatibilidade entre elas. Pragmatista, tecnicista, excludente e com discurso de produtividade, a universidade se submete a critérios empresariais e exerce atividades para além de suas funções, buscando alternativas de financiamento (SANTOS, 2010). Apesar dos investimentos na Extensão, ela atende tanto aos interesses do capital como também permite financiamento de trabalhos junto aos movimentos sociais. Continua mercadológica, sendo a pesquisa a grande definidora da universidade, objeto de investimento institucional pautada em bases produtivistas.

Se as práxis conservadoras continuam habitando a Universidade, as práxis emancipatórias também se refazem nesse mesmo espaço, configurando um território em disputa. Coutinho (1984), ao tratar das ideias de Antônio Gramsci, criticando a universidade a serviço do capital, atribuiu a ela funções políticas como possibilidades de compreensões amplas, políticas, econômicas e culturais, com papel orgânico de formular propostas para uma nova sociedade, com caráter igualitário e emancipatório. Mais recentemente, Boaventura Sousa Santos (2005) reivindica - com outras ferramentas teóricas - o fim das hierarquias de saber e afirma que é no seio da própria universidade que grandes transformações são anunciadas. Boaventura aduz que nossas trajetórias, pessoais e coletivas, carregadas de crenças e valores, influenciam na construção do nosso pensar, científico ou não, e acabam se constituindo como o não dito do discurso científico que permeia a universidade.

Práticas emancipatórias têm provocado mudanças paradigmáticas e assim é que destacamos a Extensão Universitária como espaço privilegiado para a consolidação do conhecimento nos paradigmas. Segundo Boaventura Sousa Santos (2001), o sentido mais profundo da democratização da universidade é a abertura ao outro. Tal sentido iria muito além do acesso e permanência, assentando-se num aprofundamento de saberes da sociedade, em sua complexidade, no qual e, por fim, a universidade consolidaria sua legitimidade. Para Boaventura (2001, p. 225) “quando as atividades, hoje ditas de

extensão, se aprofundarem tanto que desapareçam enquanto tais e passem a ser parte integrante das atividades de investigação e de ensino”.

Destacamos a Extensão Universitária enquanto possível espaço privilegiado para consolidação de outros conhecimentos nos paradigmas emergentes. Caminhamos para tecer novos tipos de conhecimento nos quais o observador se reintroduz de forma crítica e reflexiva no processo de conhecer. Quando tratamos de uma transição de paradigmas, tratamos de uma eminente mudança nas próprias visões de mundo (MORIN, 1999). Vivemos numa sociedade movida pelo desassossego, na qual a universidade é a manifestação de todo esse processo contraditório no qual, por um lado, lhe são feitas exigências por parte da sociedade e, por outro, tornam-se cada vez mais restritivas as políticas do Estado que financiam e apoiam suas atividades (SANTOS, 2001).

Num paradigma que se anuncia, não há saberes que se sobreponham uns aos outros em formas de hierarquia, pois cada qual, em sua singularidade, é saber, conhecimento e forma de compreensão. Assim, saberes fundamentados no vivido, bem como saberes constituídos por experiências, tornam-se práticas formativas de igual valor aos saberes já legitimados. Temos, então, claramente, que as experiências em Extensão Universitária consistem em possíveis pontos de reconfiguração da universidade que busca direcionar-se à emancipação. As políticas curriculares vão muito além das imposições estatais pelas quais são formalmente regidas, pois são também micropolíticas construídas nas variedades de ações cotidianas, na pluralização e multiplicidade de lugares nos quais são produzidos os currículos universitários, nos quais os estudantes desenham cotidianamente outros currículos.

3 REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BARBOUR, R. **Grupos Focais**. Porto Alegre: Artmed. 2005.

BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo**. Lisboa: Edições 70, 1977.

BRAÚNA, R. de C. A.; SILVA, L. H.; BARLETTO, M.; SARAIVA, A. C. L. C. **Reflexões sobre a constituição de identidades profissionais de graduandas de pedagogia da UFV**. I Seminário Nacional de Representações Sociais, Subjetividade e Educação – SIRSSE, Paraná: PUC, 2011.

GATTI, B. A. **Grupo focal na pesquisa em Ciências Sociais e Humanas**. Série Pesquisa em Educação; v.10. Brasília: Líber Livro, 2005.

GOMES, S. R.. **Grupo Focal: uma alternativa em construção na pesquisa educacional. Cadernos de Pós-Graduação**, v.4. São Paulo: Educação, 2005.

LARROSA, J. Tecnologias do Eu e Educação. In: SILVA, Tomas Tadeu (Org.). **O sujeito da educação**. Petrópolis: Vozes, 1995.

LARROSA, J. Notas sobre a experiência e o saber da experiência. **Revista Brasileira de Educação**. n 19. 20-28. Jan/Fev/Mar/Abr. 2002.

MOREIRA NETO, O. C.;, M. R.; SUCENO, L. F. M.. **Grupos Focais e Pesquisa Social Qualitativa: o debate orientado como técnica de investigação**. XII Encontro da Associação Brasileira de Estudos Populacionais. Ouro Preto – MG, 2002.

MORIN, E. **Os sete saberes necessários para educação do futuro**. São Paulo: Cortez, 2003.

SANTOS, B. S. **A Universidade do Século XXI: para uma reforma democrática e emancipatória da Universidade**. 3.ed. Questões da Nossa Época. v.11. São Paulo: Cortez, 2010.

_____. **S. Crítica a razão indolente. Contra o desperdício da experiência**. 7. ed. São Paulo: Cortez, 2009

_____. **Pela Mão de Alice – o social e o político na pós-modernidade**. São Paulo: Cortez, 2001.

SCOTT, J. W. Experiência. In: SILVA, Alcione Leite da; LAGO, Mara Coelho de Souza; RAMOS, Tânia Regina Oliveira. **Falas de Gênero**. Ed. Mulheres, 1999.

SILVA, E. W. **Extensão Universitária – concepções e práticas nas universidades gaúchas**. Porto Alegre. UFRGS, maio de 2003. Tese de Doutorado. 2003.

SOUSA, A. L. Lima. **A História da Extensão Universitária**. Alínea: Campinas, 2010.